

Jornalismo literário e representações imersivas de ciência

Mateus Yuri Passos e Indira Clara Passos

Resumo

O artigo aborda o jornalismo literário e seu potencial para tratar de ciência e tecnologia a partir de seus processos, diferentemente do modelo tradicional da imprensa, em que impera a “mitologia dos resultados”, a qual aliena o leitor da construção das pesquisas, além das controvérsias que envolveram seu desenvolvimento. Apresenta-se, assim, a etnografia como instrumento de observação jornalística que, ao prover o repórter de maior imersão na realidade de que se trata, permitindo uma representação midiática da ciência em construção, como definida por Bruno Latour, assim como uma subjetivação dos cientistas, aproximando-os do público.

Palavras-chave:

Comunicação, Jornalismo literário, Jornalismo científico, Etnografia, Imersão

Literary Journalism and immersive representations of science

Abstract

This paper focuses on literary journalism and its potential to talk about science and technology by its processes, in spite of traditional press, in which there is a predominance of “results mythology”, which ignores – and so does the reader – the construction of researches and the controversies that happened during its development. Thus we present ethnography as a journalistic observation tool, which, providing the reporter of a better immersion in reality, allows for a media representation of science-in-progress, in the constructivist manner proposed by Bruno Latour, as well as a subjectivation of scientists, bringing them closer to ordinary people.

Key words:

Communications, Literary journalism, Science journalism, Ethnography, Immersion

Sobre os autores

Mateus Yuri Passos
é mestrando na
UFSCar/Lecotec-
Unesp/Unicamp
mpassos@faac.unesp.br

Indira Clara Passos é
graduanda pela PUC-
Campinas/Unicamp
indirapassos@yahoo.com.br

Introdução

A comunicação midiática, mais especificamente o jornalismo em seu modelo tradicional e boa parte das iniciativas de divulgação da ciência, opera com alguns problemas ao encampar e perpetuar a chamada “mitologia dos resultados” (Cascais, 2003), ou seja, falar de pesquisa, desenvolvimento e inovação sob o ponto de vista exclusivo de seus produtos (literários ou tecnológicos) – e, ainda, daqueles que tiveram bons resultados e aplicações efetivas bem-sucedidas, o que, do ponto de vista dos estudos sociais da ciência e tecnologia, cria uma imagem parcial, redutora e inexata do que é e de como age, de fato, a ciência (Latour, 2000).

Ao tratar do jornalismo tradicional, Santos e Bortoliero identificaram na imprensa brasileira “notícias imediatistas” (2006:2), confirmando a afirmação de Warren Burkett (1990:96) de que o jornalismo “prefere fatos estabelecidos”, a teorias em desenvolvimento, não sendo rara a divulgação destas como verdades comprovadas, embora exista a todo instante o risco de essas enunciações serem falseadas, caindo por terra.

A ocorrência da transformação de pesquisas em produtos noticiáveis dificulta os sistemas de apuração e de investigação. Os resultados de pesquisas em andamento são divulgados como definitivos. A ciência é elevada à condição de absoluta e o discurso é construído para apresentar resultados. (Santos & Bortoliero, 2006:4-6)

Também ao se falar de temas de apelo mais simbólico e romântico como viagens espaciais, esse modelo se apresenta falhado e acrítico (Sabbatini, 2006); ao tentar abordar a Missão Centenário da Agência Espacial Brasileira, que consistiu na ida do astronauta Marcos Pontes à Estação Espacial Internacional, a *Folha de S. Paulo* fez uso de clichês e imagens ufanistas, sem de fato atingir a dimensão humana do acontecimento, nem tangenciar problemas como o do não-cumprimento da AEB do acordo com a estação especial que tornou possível a missão, encerrando a participação do Brasil nela. Trata-se, assim, daquilo a que já nos referimos como “mitologia dos resultados” (Cascais, 2003; Sousa, 2004): preferindo fatos concretos e declarações definitivas ao contexto real da ciência, constantemente em construção e revisão, seu retrato da atividade científica será necessariamente distorcido. Sob a perspectiva de Bruno Latour, compreender, assim como falar de ciência, traduz-se numa preocupação com o modo como é feita, seus métodos e processos.

Poucas pessoas de fora já penetraram nas atividades internas da ciência e da tecnologia e depois saíram para explicar, a quem continua do lado de fora, de que modo tudo aquilo funciona. Evidentemente, muitos jovens entraram no mundo da ciência, mas se tornaram cientistas e en-

Sob a perspectiva de Bruno Latour, compreender, assim como falar de ciência, traduz-se numa preocupação com o modo como é feita, seus métodos e processos

genheiros; tudo o que eles fizeram está visível nas máquinas que usamos, nos livros pelos quais aprendemos, nos comprimidos que tomamos, nas paisagens que olhamos, nos satélites que cintilam no céu noturno sobre nossas cabeças. Como fizeram, não o sabemos. Alguns cientistas falam de ciência, de seus métodos e meios, mas poucos se submetem à disciplina de também agirem como leigos; o que eles dizem sobre o que fazem é difícil de conferir sem um esquadrinhamento independente. Outras pessoas falam de ciência, de sua solidez, seu fundamento, seu desenvolvimento ou seus perigos; infelizmente, quase ninguém está interessado no processo de construção da ciência. Fogem intimidados da mistura caótica revelada pela ciência em ação e preferem os contornos organizados do método e da racionalidade científica. A defesa da ciência e da razão contra as pseudociências, contra a fraude e a irracionalidade mantém a maioria dessas pessoas ocupada demais para estudá-la. Como ocorre com os milhões ou bilhões de leigos, o que elas sabem sobre ciência e tecnologia provém apenas de sua vulgarização. Os fatos e artefatos que esta produz caem sobre suas cabeças como um fardo externo tão estranho, desumano e imprevisível quanto o *Fatum* dos antigos romanos. (Latour, 2000: 33-34)

O trabalho, essencialmente etnográfico, de autores como Bruno Latour e Karin Knorr-Cetina, ofereceu uma ruptura nos estudos de ciência, tecnologias e sociedade – na década de 1970, após passarem anos como residentes em instituições de pesquisa, os pesquisadores trouxeram um novo olhar, em que se abandona a concepção da ciência que desvenda uma verdade pré-existente: o que se propõe é que os cientistas determinam o que é essa verdade, como funciona e quem tem maior autoridade para falar sobre ela. Latour observou que as diferentes interações entre pesquisadores de uma mesma instituição ou de diferentes laboratórios, as várias relações de citação, as determinações hierárquicas, as preocupações com a verossimilhança das conclusões e dos dados, influíam direta ou obliquamente sobre as formulações que finalmente chegavam aos *papers* – afirmou, assim, que “um enunciado científico é socialmente construído” (Latour & Woolgar, 1997:180), uma vez que são as relações sociais que o formam e deformam, e que sua condição de verdade se dá também pela aceitação dos pares das enunciações propostas (Latour, 2000). Os dados seriam considerados relevantes e selecionados para difusão de acordo com a possibilidade de serem aceitos pela comunidade científica, pela verossimilhança que apresentariam junto aos pares; as conclusões e interpretações resultariam também de ciclos de argumentação e convencimento de pesquisadores que se dariam nos corredores dos laboratórios, às margens da produção científica que se torna pública.

Assim, para se compreender a ciência, não bastaria observar seus produtos, como os *papers*; seria preciso abordar também, e principalmente, as atividades de rotina, os processos repetitivos,

Para se compreender a ciência, não bastaria observar seus produtos, como os *papers*; seria preciso abordar também, e principalmente, as atividades de rotina, os processos repetitivos

seu contexto e as interações entre os pesquisadores para compreender como, de fato, se dava a construção do conhecimento científico. Temos aí duas representações de ciência (Latour, 2000): aquela acabada, espécie de caixa-preta de que se conhecem apenas os produtos e nada se sabe sobre seu funcionamento, e a ciência em construção, em que todas as etapas, inclusive resultados e conclusões, têm forte influência social, em que “contexto e conteúdo se confundem” (2000:18), e também cuja divulgação permite conhecer, enfim, a forma como se produz conhecimento. O modelo tradicional de jornalismo, assim como a maior parte da comunicação pública da ciência, ao focar-se nos resultados e aplicações dos projetos de pesquisa e desenvolvimento, segue o primeiro modelo.

Porém, a imprensa contempla também reportagens elaboradas de forma literária, tendo por estrutura uma narração semelhante à dos contos e a inclusão de diálogos e detalhes, a qual se pode dizer que configura um registro expandido da realidade (Passos & Orlandini, 2007). Quando identificou-se outro modelo jornalístico, paralelo àquele constituído pelo *lead* e a pirâmide invertida, foram atribuídos a ele denominações como jornalismo literário (que usaremos aqui), jornalismo narrativo e novo jornalismo. Embora haja escolas de escrita e influência de autores de destaque, como na literatura, e também considerável autoridade das redações e linhas editoriais dos veículos que o praticam, a definição e limitação desse modelo é mais fluida, uma vez que não há fórmulas para sua elaboração. Norman Sims (2007) aponta como principais elementos comuns do jornalismo literário a reportagem de imersão na realidade abordada, o uso de estruturas complexas de narração, o desenvolvimento de personagens (em vez do uso de entrevistados como fontes declaratórias), simbolismo, voz autoral, precisão e o foco em pessoas comuns (ou na vida cotidiana). A inserção desse modelo nos meios de comunicação teve variações ao longo das últimas décadas, por muito tempo concentrada em livros e revistas como *The New Yorker*, *Squire*, *Atlantic Monthly* e *Rolling Stone* (Estados Unidos), *Gatopardo* (Colômbia) e *O Cruzeiro*, *Realidade* e as recentes *Trip*, *Brasileiros* e *Piauí*, no Brasil. Houve ainda uma retomada do estilo nas últimas duas décadas, e hoje se faz presente em grandes jornais como *Correio Braziliense*, *Zero Hora* e *O Estado de S. Paulo* (FALASCHI, 2005) e, mais recentemente e de forma mais tímida, a *Folha de S. Paulo* (Passos & Orlandini, 2008).

Para Tom Wolfe, um dos primeiros autores de jornalismo literário a identificá-lo como um modelo à parte, sua proposta se resumiria na busca pelo retrato do modo de vida de uma época.

Vemos surgir um grupo de escritores (...) que descobrem as alegrias do realismo detalhado e seus estranhos poderes. Muitos deles parecem estar apaixonados pelo “realismo pelo realismo” apenas; e não

Quando identificou-se outro modelo jornalístico, paralelo àquele constituído pelo *lead* e a pirâmide invertida, foram atribuídos a ele denominações como jornalismo literário (que usaremos aqui), jornalismo narrativo e novo jornalismo

se importar com “o sagrado chamado” da literatura. Parecem dizer: “Ei! Venha cá! É assim que as pessoas vivem agora – bem assim como estou mostrando a você! Pode assustar, incomodar, deliciar você ou despertar seu desprezo ou fazer você rir...” (Wolfe, 2005:48-49.)

Orientado a contar histórias, priorizando o modo como os acontecimentos se deram em vez da apresentação breve de seus resultados finais, o jornalismo literário apresenta potencial para cumprir exigências de uma comunicação pública da ciência condizente com o conceito de ciência em construção, o que os limites do modelo tradicional não permitem. É curioso que os trechos selecionados por Latour para tratar da construção e discussão do funcionamento do computador Eagle (2000) tenham sido extraídos do livro *The soul of a new machine*, de Tracy Kidder, autora enquadrada na tradição mais recentes do jornalismo literário (Sims, 2007).

Com o emprego desse modelo jornalístico, a expectativa é de que, a partir de uma perspectiva semelhante à da etnografia que faz uso de técnicas narrativas, ocorra o que Knorr-Cetina (*apud* Knorr-Cetina, 1999) denomina “testemunho virtual”:

Através de uma descrição detalhada da aparelhagem e dos resultados experimentais, [o autor] permitiu aos seus leitores que imaginassem vivamente as experiências e que se tornassem eles próprios testemunhas virtuais dela. (Knorr-Cetina, 1999:386)

Desse modo, pode-se reproduzir algumas cenas que enfoquem aspectos menos contemplados em material noticioso: pequenos riscos e acidentes decorrentes da atividade científica, também comuns em atividades mais mundanas:

David abriu uma caixa de papelão e retirou dali uma placa eletrônica. Ele começou a encaixá-la em m zero. Notei que suas mãos estavam marcadas por pequenos cortes, que ele deve ter feito ao alcançar o ponto de encaixe dentro da máquina. (Preston, 1992, tradução nossa)

O jornalista literário pode, por meio do poder simbólico de tais descrições, criar uma empatia entre leitor e personagem e trazer outra compreensão das ações ali empreendidas. Edvaldo Pereira Lima (2005) afirma que a narração de fatos não é suficiente para produzir uma reportagem de qualidade: é preciso alternar recursos utilizando, por exemplo, uma descrição detalhada. “Nossa atenção tende a diminuir, quando somos receptores num processo de comunicação, se a mensagem nos é entregue de um modo só, num ritmo só”. Não apenas a atenção do leitor é conquistada com essa estratégia. A descrição dos elementos que permeiam o

Pode-se reproduzir algumas cenas que enfoquem aspectos menos contemplados em material noticioso: pequenos riscos e acidentes decorrentes da atividade científica, também comuns em atividades mais mundanas

ambiente de um personagem, por exemplo um cientista, revela símbolos do seu status de vida que permitem desvendar melhor o personagem e contribuem para sua humanização.

[Essa descrição] trata-se do registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilo de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, em geral, do *status de vida* da pessoa, usando essa expressão no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e posses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é seu padrão ou o que gostaria que fosse. O registro desses detalhes não mero detalhe em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura. (Wolfe, 2005:55)

Para que se concretize com qualidade e precisão essa representação midiática efetiva da ciência em construção, deve haver uma captação diferenciada de informações, não se baseando apenas em entrevistas. Dos cinco princípios do jornalismo literário elencados por Passos e Orlandini (2008) – a saber: imersão, expansão, precisão, subjetivação, experimentação – trataremos aqui, portanto, da imersão, etapa essencialmente pré-textual, ou, de modo mais específico, das características da pesquisa etnográfica que, como empregada por Latour e Knorr-Cetina – bem como por escritores do realismo social (*cf.* Wolfe, 2005) –, permite observar os modos de produção da ciência e retratá-los de forma diferenciada. Uma forma de definir esse procedimento pode ser assim enunciada: “etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo ou cultura” (Fetterman, 1989:11). Ela é um fenômeno interdisciplinar, que muitas vezes funde teoria literária e etnografia em si (Clifford, 1986). Se a escrita etnográfica é variada e pode apresentar formas literárias, é adequada ao jornalismo literário enquanto modelo comunicacional (*cf.* Passos & Orlandini, 2008).

Perspectivas etnográficas

A etnografia, instrumento metodológico da antropologia, não se limita a comunidades indígenas ou exóticas. Já se utilizou a pesquisa etnográfica, por exemplo, para estudar uma situação de conflito entre bibliotecários (*cf.* Fetterman, 1989:19) ou o ambiente de um laboratório de química e biologia estrutural (*cf.* Latour & Woolgar, 1997). Ainda assim, por mais próximo (e ao mesmo tempo distante) que seja o grupo estudado, o etnólogo David Fetterman (*cf.* 1989:34) alerta para o risco de se produzir, durante a escrita, um estereótipo generalista: é preciso mostrar

Para que se concretize com qualidade e precisão essa representação midiática efetiva da ciência em construção, deve haver uma captação diferenciada de informações

a diversidade dentro dele. Para isso, é preciso “trabalhar com pessoas por longos períodos de tempo em seu ambiente natural” (1989:41), pois “o etnógrafo conduz a pesquisa no ambiente nativo para ver pessoas e seu comportamento” (1989:42).

O trabalho de campo etnográfico utiliza uma variedade de métodos e técnicas para assegurar a integridade de seus dados. Para Fetterman, cioso de mostrar a cientificidade do procedimento, “esses métodos e técnicas objetificam e padronizam as percepções do pesquisador” (1989: 42). Para o etnólogo, entrevistar “é a mais importante forma de coleta de dados [...]. Entrevistas explicam e põem num contexto mais amplo o que o etnólogo vê e vivencia” (1989: 47). Em jornalismo, a entrevista é também o método básico de trabalho – assim, não será abordada em mais detalhes aqui, embora deva ser utilizada sempre (mas não exclusivamente).

Antes de ir a campo, porém, é necessária uma preparação teórica por meio de pesquisa. Roberto da Matta valoriza o conhecimento prático e lamenta o excesso de conhecimento teórico, intermediado, não vivenciado na formação de antropólogos por meio de manuais. De acordo com ele, na fase inicial de pesquisa, a que chama teórico-intelectual, “aldeias são diagramas [...] e os índios são de papel” (1978:24); assim, ela não deve ser limitadora ou condicionante do trabalho de campo – Latour a ignorou por completo ao realizar a etnografia do Instituto Salk, nos EUA (cf. Latour & Woolgar, 1997). Há um segundo momento de ordem prática, que consiste no planejamento do deslocamento até o grupo estudado. Por fim, há um terceiro momento de preparação, que Da Matta chama de pessoal ou existencial, quando “não temos mais divisões nítidas entre as etapas da nossa formação científica ou acadêmica, mas uma espécie de prolongamento de tudo isso, uma certa visão de conjunto que certamente deve coroar todo o nosso esforço e trabalho” (1978:25).

A chegada do etnólogo/jornalista ao grupo é um momento delicado. É bom manter contato com um dos membros antes, pois “ser introduzido por um membro é o melhor ticket de entrada do etnógrafo na comunidade” (Fetterman, 1989: 43). O intermediário confere confiança ao “intruso” e é um facilitador de seu entrosamento na comunidade. Fetterman afirma que, quando o etnólogo se introduz no grupo, há um período de experiência para aprender o básico: “a língua nativa, laços de parentesco, informações de censo, dados históricos e a estrutura e função básica da cultura em estudo” (1989: 18). Nessa primeira etapa, o profissional identifica os principais temas significativos para a compreensão básica do local. O trabalho de campo, como afirma Fetterman, não precisa ser contínuo – é bom ter períodos de pausa para assimilar melhor a experiência. “O mais importante elemento no trabalho de campo é estar ali – observar, fazer perguntas aparentemente estúpidas, mas capciosas, e escrever o

O trabalho de campo etnográfico utiliza uma variedade de métodos e técnicas para assegurar a integridade de seus dados

que é visto e ouvido. Histórias de vida de indivíduos podem ser particularmente iluminadoras” (1989:19).

Após a pesquisa de campo, é preciso realizar uma análise formal, organizar os dados. Há quatro elementos fundamentais de um grupo que devem ser identificados e descritos no relato etnográfico: estrutura (estrutura social, organização), função (relações sociais explícitas e implícitas), símbolos e rituais. Símbolos, de acordo com Fetterman, são “expressões de significado condensadas que evocam sentimentos e pensamentos poderosos” (1989, p. 36). Já os rituais são padrões que se repetem ou um comportamento simbólico, como o uso de uniforme corporativo. Há dois tipos básicos de perspectivas (ou princípios) a se utilizar na etnografia: êmica e ética, derivadas dos termos fonêmico e fonético (Wielewicki, 2001). Êmica é a perspectiva interna do grupo, a visão que tem de si próprio, menos objetiva, que ajuda a compreender o “nativo”. Já a visão ética é externa, científica (Fetterman, 1989).

O princípio ético refere-se àquilo que descreve e generaliza sem se preocupar com o contexto. Grades classificatórias e descrições técnicas, r exemplo, são ferramentas formatadas por esse princípio. O outro lado, o princípio êmico, refere-se a regras, a conceitos, a crenças e a significados dos povos em seus próprios grupos. (Wielewicki, 2001: 28)

Ambos os princípios são complementares, não excludentes. O bom etnólogo deve equilibrar as duas interpretações. O jornalista literário deve prestar atenção ao princípio êmico da comunidade estudada, se desejar reproduzir seu ponto de vista na reportagem, perfil, livro etc. Uma forma de melhor desenvolver a perspectiva êmica é a observação participante – um método de imersão, trata-se de viver e trabalhar com a cultura em questão, internalizando suas crenças, temores, esperanças e expectativas, saber como seus membros usam seu tempo e espaço. Por meio dela, com o tempo, o etnólogo deixa de ser um estranho e se integra à comunidade. Para Fetterman, ainda que se participe ativamente da vida comunitária, é preciso sempre manter uma visão objetiva, marcar a distância profissional. Já Roberto da Matta (1978) valoriza o que chama de *Anthropological Blues*, o emprego e desenvolvimento de aspectos interpretativos, pessoais, subjetivos.

Nunca ou muito raramente se pensa em coisas específicas, que dizem respeito à minha experiência, quando o conhecimento é permeabilizado por cheiros, cores, dores e amores. Perdas, ansiedades e medos, todos esses extramos que os livros, sobretudo os famigerados “manuais” das Ciências Sociais, teimam por ignorar. (1978:24)

**Uma forma
de melhor
desenvolver a
perspectiva êmica
é a observação
participante
– um método de
imersão, trata-
se de viver e
trabalhar com a
cultura em questão**

Para o etnólogo, emoção e sentimento são elementos inesperados que se insinuam no trabalho e na escrita etnográfica – não devendo ser ignorados em relatos, muitas vezes só estão presentes em anedotas contadas em encontros científicos.

Tais relatos parecem sugerir, dentre os muitos temas que elaboram, a fantástica surpresa do antropólogo diante de um verdadeiro assalto pelas emoções. Assim é que Chagnon descreve sua perplexidade diante da sujeira dos Yanomano e, por isso mesmo, do terrível sentimento de penetração num mundo caótico e sem sentido de que foi acometido nos seus primeiros tempos de trabalho de campo. E Maybury-Lewis guarda para o último parágrafo de seu livro a surpresa de se saber de algum modo envolvido e capaz de envolver seu informante. Assim, é no último instante do seu relato que ficamos sabendo que Apowen – ao se despedir do antropólogo – tinha lágrimas nos olhos. É como se na escola graduada tivessem nos ensinado tudo: espere um sistema matrimonial prescritivo, um sistema político segmentado, um sistema dualista, etc., e jamais nos tivessem prevenido que a situação etnográfica não é realizada num vazio e que tanto lá, quanto aqui, se pode ouvir os *anthropological blues!* (1978:31)

O momento da descoberta de um sentido, dos valores reais que movem a comunidade, é um acontecimento de grande relevância – a própria razão de ser da etnografia, que não pode ser oculto. É quando ocorre a verdadeira alteridade, a modificação do próprio etnólogo.

Uma dedução possível, entre muitas outras, é a de que, em Antropologia, é preciso recuperar esse lado extraordinário das relações pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina. É o que realmente permite escrever a boa etnografia. Porque sem ele [...] não se distingue um piscar de olhos de uma piscadela marota. [...] Mas para distinguir o piscar mecânico e fisiológico de uma piscadela sutil e comunicativa, é preciso sentir a marginalidade, a solidão e a saudade. É preciso cruzar os caminhos da empatia e da humildade. (1978:35)

Representações imersivas de ciência: o caso Chudnovsky

No jornalismo brasileiro, ainda é difícil encontrar traços da pesquisa etnográfica, o que se observa por um momento híbrido em que reportagens usam técnicas literárias para encantar o leitor mas, ao tratar das ações de personagens, adotam ainda o discurso destes como referência e tratam de forma breve e rasa. A ampla utilização dessas técnicas em jornalismo literário e científico ainda é maior no exterior. Apresentaremos aqui tre-

O momento da descoberta de um sentido, dos valores reais que movem a comunidade, é um acontecimento de grande relevância – a própria razão de ser da etnografia

chos de dois textos que evidenciam o uso da perspectiva etnográfica para se produzir jornalismo. Para escrever suas reportagens – *The Mountains of Pi* e *Capturing the Unicorn* – sobre os irmãos Chudnovsky, matemáticos russos radicados em Nova York, Richard Preston os visitou e entrevistou diversas vezes. Em alguns momentos, apenas os observou. Seria possível dizer que fez uma pesquisa etnográfica: revela símbolos (os Chudnovsky prezam, acima de tudo, números), rituais (David ajuda o irmão a andar pelo apartamento), estrutura (os dois trabalham em parceria) e função (os dois funcionam como um só matemático, Gregory incomoda a esposa pela enorme quantidade de papel que junta).

Em *The mountains of pi*, ao descrever (ou indexar) seus personagens, Preston revela alguns de seus hábitos (rituais) e status de vida, principalmente em relação à doença de Gregory.

Gregory Chudnovsky tem trinta e nove anos de idade, esqueleto de sobra e um rosto bonito e ossudo. Ele tem uma barba comprida, riscada com pêlos pretos e grisalhos, uma testa larga e olhos castanhos bem espaçados. Ele anda num passo lento e arrastado, apoiando-se numa bengala de madeira, enquanto seu irmão, David, normalmente o apóia sob um braço para evitar que ele leve um tombo. Ele tem uma forte miastenia grave, uma doença muscular auto-imune. Os sintomas, em seu caso, são fraqueza muscular e dificuldade para respirar. “Preciso ficar deitado na cama a maior parte do tempo”, Gregory me contou uma vez. Suas condições não parecem estar melhorando, e não parece estar piorando. Desenvolveu a doença ao doze anos em Kiev, Ucrânia, onde ele e David cresceram. Ele passa os dias sentado ou deitado numa cama atulhada com travesseiros, num quarto ao lado da sala que abriga o supercomputador. O quarto de Gregory está cheio de papel: contém pelo menos uma tonelada. Ele diz que o lugar é seu lixão. O quarto está voltado para o leste, e ficaria cheio de luz do sol pela manhã se ele erguesse as persianas, mas ele as mantém abaixadas, porque a luz fere seus olhos. (1992, tradução nossa)

Outras formas de atividade científica, como a descrição em minúcias do trabalho na sala úmida do museu metropolitano, são lacunas que podem ser preenchidas durante a leitura de *Capturing the Unicorn*, realizando a subjetivação dos personagens ao reproduzir suas reações perante o desvelamento de uma tapeçaria antiga.

No *wet lab*, um *team* de conservadores têxteis liderados por uma mulher chamada Kathrin Colburn desempacotaram as tapeçarias e as espalharam de cabeça para baixo numa mesa comprida, uma por uma. Em certo ponto, as tapeçarias foram cobertas com linho. Os suportes,

Em *The mountains of pi*, ao descrever (ou indexar) seus personagens, Preston revela alguns de seus hábitos (rituais) e status de vida

que as protegem e ajudam a mantê-las presas às paredes, estavam ficando quebradiços e marrons, e precisavam ser substituídos. Utilizando pinças e lentes de aumento, Colburn e seu time removeram com delicadeza as roscas que prendiam cada suporte no lugar. Quando os conversadores os retiraram, milímetro por milímetro, sentiram uma admiração crescente. A partes de trás das tapeçarias eram quase cópias idênticas das dianteiras, apenas as cores eram diferentes. Em comparação a estas, não haviam desbotado em nada: de aparência mais natural e delicada, eram incrivelmente profundas, ricas e brilhantes. Elas tinham, afinal de contas, sido pouco expostas à luz do Sol nos últimos quinhentos anos. Ao que parece, ninguém ainda vivo no Met as havia visto dessa forma. (2005, tradução nossa)

Uma forma de relativização da atividade científica é apreendida quando, numa cena da reportagem, David Chudnovsky perde uma sacola de CDs com imagens digitais da tapeçaria. Esse é um tipo de lacuna pouco explorada: a que revela enganos e percalços durante o processo da ciência em construção.

David tomou o metrô de volta ao Brooklyn, parando num supermercado para comprar frutas. Ao chegar ao laboratório, pôs suas coisas no chão, e Gregory começou a examiná-las. “Onde está o resto dos CDs?”, perguntou a David. Estava faltando uma das sacolas do Museu Metropolitano.

“Meus Deus! Esqueci no metrô”, David disse.

Metade das tapeçarias do Unicórnio poderiam estar em qualquer ponto da B.M.T (*Brooklyn-Manhattan Transit Corporation*). Eles começaram a ligar freneticamente para os achados e perdidos do metrô. “Naturalmente, não houve resposta”, Gregory recorda.

David refez seu percurso. Ele encontrou a sacola do Met sentada sob a gôndola de alfices no supermercado. Apesar de estarem um pouco esbaçados, os CDs estavam em ótimo estado.

Então os irmãos realmente começaram a mourejar com os números. Trabalhando com Tom Morgan, criaram algo chamado campo de vetores, e o utilizaram para analisar as inconsistências das imagens.

As tapeçarias, eles perceberam, haviam mudado de forma enquanto estavam sendo fotografadas, deitadas no chão. Elas haviam estado suspensas verticalmente por séculos – quando foram colocadas no chão, os fios de urdidura relaxaram. As tapeçarias começaram a respirar, se expandindo, contraindo, mudando. Foi como se, quando os curadores removeram os suportes, as tapeçarias houvessem despertado. Os fios começaram a se retorcer e girar incansavelmente. Pequenas mudanças na temperatura e umidade da sala fizeram as tapeçarias se expandirem ou encolherem hora a hora, minuto a minuto. Os fios envoltos em ouro e prata mudaram de forma em velocidades e maneiras diferentes daqueles de lã e seda. (2005, tradução nossa)

Uma forma de relativização da atividade científica é apreendida quando, numa cena da reportagem, David Chudnovsky perde uma sacola de CDs com imagens digitais da tapeçaria

The Mountains of Pi narra uma cena reveladora, em que se demonstra o status de vida e ao mesmo tempo se narra o processo de compra de componentes para o supercomputador m zero pelos irmãos Chudnovsky, indignados com o preço da taxa de entrega via FedEx, o equivalente norte-americano ao serviço de Sedex dos Correios. Além de promover rompimento de níveis, a cena é eficaz na subjetivação dos personagens envolvidos, abalados pela doença ou preocupados com os gastos, ainda que o resultado sejam melhorias para o supercomputador m zero.

Ele [David] se dirigiu a uma prateleira e pegou uma faca de caça. Pensei que ele fosse cravá-la no supercomputador, mas ele a usou para abrir uma caixa de papelão. “Nós vamos devolver esta parte ao fabricante”, ele me disse. “É melhor enviá-la na caixa original, ou não teremos o dinheiro de volta. Agora você sabe por que o apartamento está cheio de caixas vazias. Precisamos guardá-las. Gregory, você está cansado?”

“Se me levantar agora, eu desmorono”, Gregory disse, do piso. “Portanto, vou sentar em meu centro de gravidade. Vou manter meu centro de gravidade. Deixe-me ver, enquanto isso, o que acontece com esta máquina.” Ele digitou algo no teclado. “Você não vai acreditar, Dave, mas o controlador parece estar funcionando, agora.”

“Precisamos comprar um novo,” David disse.

“Tente em Nevada.”

David ligou para uma loja de Nevada que vendia pelo correio, a qual será aqui chamada de Searchlight Computers. Ele disse bem alto, com um denso sotaque russo, “Alô, Searchlight.

Preciso de um controlador quinze-quarenta... Não! Não! Não! Não preciso de mais nada! Só o controlador! Uma unidade nua! Nua! Quanto você cobra? ... Duzentos e cinquenta e sete dólares?”

Gregory deu uma olhadela para o irmão e deu de ombros. “Eh.”

“Olha, Searchlight, você pode mandá-la para mim pelo Federal Express? Para amanhã de manhã. Quanto? ... Trinta e nove dólares pelo Fed Ex? Espere aí! E se for na entrega vespertina? ... Vinte e nove dólares para antes das três da tarde? Fique tranquilo. Qual é o seu nome? ... Bob. Certo. O.K. Então são duzentos e cinquenta e sete dólares, mais vinte e nove pelo Federal Express?”

“Vinte e nove dólares pelo Fed Ex!”, Gregory explodiu. “Deveriam ser quinze.” Ele puxou um segundo teclado da armação de metal e bateu as teclas. Outra tela do display ganhou vida e se encheu de números.

“Diga-me”, disse David para Bob em Nevada. “Você me dá uma garantia de trinta dias? ... Não? Vamos lá! Olha, algum dispositivo pode não funcionar.”

“Claro, alguma parte pode funcionar”, Gregory resmungou para o irmão. “Mas normalmente não.”

The Mountains of Pi
narra uma cena
reveladora, em que
se demonstra o
status de vida e ao
mesmo tempo se
narra o processo
de compra de
componentes para
o supercomputador
m zero

“Pergunta número dois: o Fed Ex não deveria custar vinte e nove paus”, disse David para Bob. “Não? nada! Estou só perguntando.” David pôs o fone no gancho. “Vou ligar para A.K.,” disse. “Alô, A.K., aqui é David Chudnovsky, de Nova York. A.K., preciso de outro controlador, como aquele que você mandou. Pode mandá-lo hoje pelo Fed Ex? ... Quanto você cobra? ... Nua! Quero uma unidade nua! Nem numa caixa de sapatos, nada!”

Um clique ritmado veio de um dos drives de disco. Gregory observou, “Agora mesmo estamos calculando pi.”

“Você quer meu MasterCard? Olha, é mesmo imperativo que eu receba minha unidade amanhã. A.K., por favor, realmente preciso dela com urgência.” David desligou o telefone e suspirou. “Isso é o que acontece com um matemático puro.” (1992, tradução nossa)

Assim, as reportagens de Preston obtêm sucesso ao narrar as atividades dos cientistas nos mais diversos momentos – compra de equipamentos, momentos de trabalho intenso e conversas, espirituosas ou não. *The Mountains of Pi* e *Capturing the Unicorn* apresentam momentos até então únicos no jornalismo científico, em que a convivência permite riquíssimas construções de cena, em que os elementos do realismo social se aliam às características do jornalismo literário para transmitir ao leitor os diversos aspectos da atmosfera presenciada – e a vivência, ou testemunho virtual, da ciência em construção.

Considerações finais

Ao tratar da investigação histórica, José Saramago traça um paralelo com a literatura de viagem, demonstrando o quanto há de lacunas a se preencher.

Sou autor de um livro que se chama *Viagem a Portugal*. Trata-se de uma narrativa de viagem, como tantas que se escreveram nos séculos XVII e XVIII. [...] O livro não se propõe como roteiro de viajantes, embora, necessariamente, contenha muito do que se espera encontrar nesse tipo de obras. Fala-se de Lisboa, do Porto, de Coimbra, fala-se de outras cidades importantes, fala-se das aldeias, das paisagens, das artes, das pessoas, fala-se de um país, em suma. Imaginemos agora que o autor decida fazer uma segunda viagem para escrever um segundo livro, mas que nela terá como ponto de honra não passar por nenhum dos lugares onde havia estado antes. [...] Parece ao autor que, com toda legitimidade, poderia dar, outra vez, a esse livro o título de *Viagem a Portugal*, pois que de Portugal continuou a tratar-se. Levemos ainda mais longe o nosso jogo e imaginemos que o autor faz uma terceira, uma quarta, uma quinta, uma sexta, uma centésima viagem, obedecendo sempre ao princípio de não passar por onde passou antes. [...] A pergunta derradeira será esta: poderá o centésimo

As reportagens de Preston apresentam momentos até então únicos no jornalismo científico, em que a convivência permite riquíssimas construções de cena

livro chamar-se ainda *Viagem a Portugal*? Respondo que sim: poderá, e deverá chamar-se ainda mesmo que o leitor seja incapaz de reconhecer, por mais atento que esteja à leitura, o país que no título lhe prometeram. (Saramago, 2000:13-14.)

Saramago afirma que há zonas de sombra que a História é incapaz de cobrir, o que caberia à ficção, ou às técnicas literárias. Em jornalismo, há lacunas que a imprensa diária não cobre, uma vez que está concentrada, em termos estruturais, em núcleos e informantes, enquanto o jornalismo literário utiliza mecanismos de expansão dessas informações e da realidade retratada (cf. PASSOS & ORLANDINI, 2007; 2008). Na literatura de ficção, segundo Wolfe (2005), isso foi realizado pelo realismo social, que se comporia de quatro técnicas – registro fiel dos traços do cotidiano, uso de pontos de vista, construção cena a cena e o registro de diálogos completos –, também incorporadas pelo jornalismo literário, então denominado novo jornalismo. Essas são formas de abrir a caixa-preta da ciência e, por meio do testemunho virtual dos leitores, permitir que se conheça a natureza dos processos por trás dos produtos oriundos de projetos de pesquisa e desenvolvimento, munindo o leitor de melhores condições para compreendê-los e, quando necessário, criticá-los e contestá-los, trazendo a público a zona de sombra do conhecimento, a ciência em construção, como observado nas duas produções de Richard Preston aqui apresentadas.

A despeito do foco em ciência que utilizamos, os princípios imersivos aqui apresentados têm aplicabilidade na produção de reportagens de jornalismo literário acerca de qualquer tema ou atividade humana, permitindo uma apuração mais aprofundada e, assim, viabilizando um registro expandido e diferenciado da realidade contemporânea e do status de vida das pessoas de nosso tempo.

Referências

- BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico*. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CASCAIS, Antonio Fernando. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, Cidival M. (org.); MARQUES, Nuno P. (org.); SILVEIRA, Tatiana S. (org). *A Comunicação pública da ciência*. Taubaté: Cabral, 2003.
- CLIFFORD, James (org.); MARCUS, George E. (org.). *Writing culture – the poetics and politics of ethnography*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press,, 1986.
- FALASCHI, Celso Luiz. *Identificação de Narrativas e Características Criativas no Jornalismo Impresso Diário Brasileiro*. 2005. 440 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

- FETTERMAN, David M. *Ethnography – step by step*. Newbury Park: Sage, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KNORR-CETINA, Karin. A comunicação na ciência. In: GIL, Fernando (org.). *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999, p. 375-393.
- LATOURETTE, Bruno. *Ciência em ação*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- _____; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- MATTA, Roberto da. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PASSOS, Mateus Y. R. S.; ORLANDINI, Romulo A. Contando a história do presente: princípios para uma caracterização estrutural do jornalismo literário In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.
- _____; _____. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. A importância da descrição. *Textovivo*, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/edvtt19.html>> Acesso em: 24 mar. 2008.
- PRESTON, Richard. Capturing the unicorn. *New Yorker*, Nova York, p.28-33, 11 abr. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/fact/content/articles/050411fa_fact> Acesso em: 2 nov. 2007.
- _____. The mountains of pi. *New Yorker*, Nova York, p.36-67, 2 mar. 1992. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/content/articles/050411fr_archive01?050411_fr_archive01> Acesso em: 2 nov. 2007.
- SABBATINI, Marcelo. O astronauta brasileiro e o “Retorno das Estrelas”: mito e política científica na análise de conteúdo da cobertura da missão Centenário da Agência Espacial Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.
- SANTOS, Cristina Mascarenhas; BORTOLIERO, Simone. Observando os conflitos: a história da terapia com células-tronco para tratamento da doença de Chagas e a veiculação de notícias na Bahia In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006
- SARAMAGO, José. A história como ficção, a ficção como história. *Revista*

- de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n.27, p.9-17, abr. 2000.
- SIMS, Norman. *True stories: a century of literary journalism*. Evanston: Northwestern University Press, 2007.
- SOUSA, Cidoval M. Leituras de Comunicação, Ciência e Sociedade. In: _____ . (org.). *Comunicação, Ciência e Sociedade*. Taubaté: Cabral, 2004.
- WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. *Acta Scientiarum*, Maringá, n. 23, p.27-32, 2001.
- WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em 30 de agosto de 2008
Aprovado em 3 de novembro de 2008